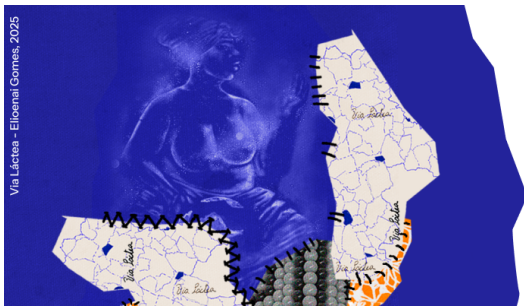




O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS: CAMINHOS E OLHARES AMAZÔNICOS EM ESPAÇOS CULTURAIS

SUPERVISED INTERNSHIP IN VISUAL ARTS: AMAZONIAN PATHS AND PERSPECTIVES IN CULTURAL SPACES

Helena Renato Dalfre¹

UFPA

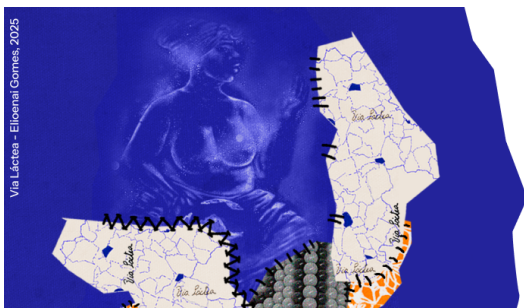
Resumo: O presente artigo tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas na disciplina de Estágio em Ensino das Artes Visuais: Espaços Culturais no curso de Licenciatura em Artes Visuais realizadas na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFGPA). As experiências na disciplina resultaram nas etapas de pesquisa, curadoria, elaboração, e montagem da exposição "Caminhos e Olhares Amazônicos: revelações nas Artes Visuais" que integrou parte da programação do XV Fórum de Pesquisa e Extensão da Escola de Aplicação da UFPA. Sendo uma reunião e organização das produções dos estudantes cuja exposição foi realizada na própria escola, transformando-a em um ambiente museológico, este evento foi o fio-condutor de todo o semestre e também de todo este texto, no qual detalharei essas etapas e refletirei criticamente sobre elas e as vivências ocorridas. A metodologia é de cunho qualitativo descritivo, tendo embasamento teórico em Isabel Marques e Fábio Brasil (2014), Robert William Ott (2002), Brisa Nunes (2018), Janice Lima e Simone Moura (2023), e Miriam Celeste Martins (2024). Para além de um espaço cultural, o principal achado que trago é a potência do ambiente escolar como também um espaço museológico, de curadoria, e de protagonismo dos discentes.

Palavras-chave: Espaços Culturais; Estágio Supervisionado; Curadoria.

Abstract: This article aims to report on the experiences of the Visual Arts Teaching Internship: Cultural Spaces course in the Bachelor's Degree in Visual Arts, held at the Federal University of Pará's School of Application (EAUFGPA). The course's experiences resulted in the research, curation, design, and assembly of the exhibition "Amazonian Paths and Views: Revelations in the Visual Arts," which was part of the 15th Research and Extension Forum of the UFPA School of Application. This event, which brought together and organized the students' productions, was the guiding principle of the entire semester and also of this entire text, in which I will detail these stages and critically reflect on them and the experiences that occurred. The methodology is qualitative and descriptive, with theoretical basis in Isabel Marques and Fábio Brasil (2014), Robert William Ott (2002), Brisa Nunes (2018), Janice Lima and Simone Moura (2023), and Miriam Celeste Martins (2024). Beyond a cultural space, the main finding I bring is the power of the school environment as a museum space, curated, and with student protagonism.

Keywords: Cultural Spaces; Supervised Internship; Curatorship.

¹ Helena Renato Dalfre, graduada em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente trilha suas pesquisas pelos campos de História da Arte e Arte/Educação. Lattes ID: <<http://lattes.cnpq.br/8503253981064082>>.

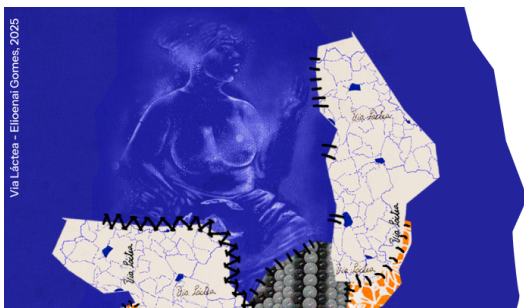


1 INTRODUÇÃO

A Escola além de ser um local destinado ao ensino/aprendizagem, desenvolvimento e socialização dos indivíduos é também um espaço cultural, onde individualidades e expressões das mais diversas convergem para dentro da sala de aula e seus entornos. Assim, para além de um espaço cultural, ela poderia ser também um espaço museológico? Valorizar e curatoriar essas diversas individualidades e expressões em torno de um tema comum é possível na escola? Apesar de distante de grandes museus e galerias, trazer os conceitos das Artes Visuais, Museologia e Patrimônio é possível para as turmas no próprio ambiente educacional?

Tais questões surgiram durante o desenrolar da disciplina Estágio em Ensino das Artes Visuais: Espaços Culturais² na Escola de Aplicação da UFPA (EAUFPA) entre novembro de 2024 e março de 2025. As experiências relatadas neste texto se desenvolveram a partir das ações com as turmas e produções artísticas do 2º ano do Ensino Médio, além de orientações e planejamentos junto da professora responsável pela disciplina Artes Visuais. Junto dela e de outros colegas estagiários, concebemos a ideia de uma exposição reunindo as produções artísticas do Ensino Médio — posteriormente incluindo o Ensino Fundamental I e II — que tivessem como tema em comum as temáticas centradas em expressão e o ser Amazônico, assim surgindo a exposição denominada “Caminhos e Olhares Amazônicos: revelações nas Artes Visuais”, fruto de um longo planejamento que culminou em sua inauguração como parte da programação do XV Fórum de Pesquisa e Extensão da Escola de Aplicação da UFPA, um evento científico voltado para a socialização de práticas educativas, experiências, projetos e pesquisas relacionadas à educação básica ocorrido em fevereiro de 2025.

² Considerado o quarto e último estágio no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, essa disciplina fora idealizada pelas professoras Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães, Janice Souza Lima e Sandra Christina Santos, a fim de que os estudantes pudessem vivenciar práticas pedagógicas em espaços de educação não-formal, em contextos e práticas diversas, norteadas por um processo formativo de estágio, conforme afirma Nunes (2018).

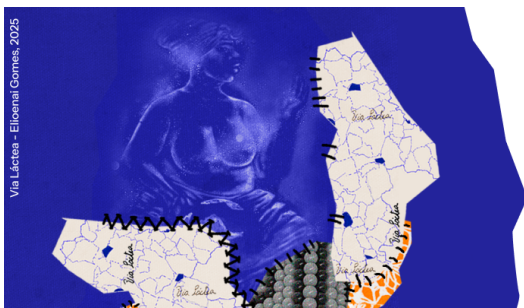


O artigo apresentado relata o processo de concepção da Exposição até a sua culminância e reflexões a partir de todas essas vivências, como questões sobre curadoria e montagem, a criação e protagonismo do aluno, os desafios de se trazer e se transformar o espaço do Complexo Artístico em uma galeria, a escolha e decisões a partir do tema escolhido, e demais temas pertinentes no semestre e no Estágio Supervisionado. Trago como suporte metodológico e científico autores das Artes Visuais, Museologia, Arte/Educação em Museus, e Mediação Cultural, como Robert William Ott (2002), Brisa Nunes (2018), Janice Lima e Simone Moura (2023), e Miriam Celeste Martins (2024), entre outros.

2 **SOBRE O CAMPO DE ESTÁGIO**

A Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará é uma escola pública que foi criada em 1993 com a finalidade de recepcionar, orientar, acompanhar, supervisionar e avaliar as atividades de estágio dos alunos dos cursos de licenciatura e bacharelado da UFPA e de outras Instituições de Ensino Superior - IES, oferecendo as condições necessárias para estabelecer a integração entre o ensino de graduação e a educação básica.

O espaço onde desenvolvemos todas as atividades foi o Complexo Artístico, um galpão circular voltado completamente para o ensino das Artes: Artes Visuais; Teatro, Música e Dança, abrigando espaços e salas de aula para todos os níveis de ensino. O Complexo tem no total cinco salas de aula, um palco de teatro, uma coxia, e um pátio coberto rodeado por todos esses espaços. A área espaçosa do palco do teatro e do pátio demonstraram ser perfeitas para a exposição durante o nosso planejamento e montagem finais, pois a forma que organizamos as seções das obras permitiu um caminho intuitivo pela “escola-galeria”, seguindo um formato de meia-lua que ia da entrada do Complexo ao palco do teatro, do palco ao pátio e do pátio para a entrada novamente, aproveitando toda a área comum sem interferir nas salas de aula. Em paralelo ao início da disciplina e todas as etapas de elaboração da exposição, a professora responsável, eu e outros colegas estagiários de Artes Visuais ficávamos responsáveis pelas cinco turmas do 2º ano do Ensino Médio



ministrando e acompanhando as aulas às segundas e sextas-feiras no turno da manhã. Os horários entre as turmas ou outros dias da semana usufruíamos para nos reunir e focar no planejamento, essencial para a concretização da exposição pois

o planejamento na área de Arte permite-nos articular as diferentes esferas de conhecimento, as práticas de ensino e as relações que podem ser traçadas entre arte, ensino e sociedade. É no momento do planejamento que articulamos o passado- a história da Arte e dos povos - para compreender o presente - as histórias e vivências pessoais, dos estudantes e da comunidade - e projetar o futuro - o que queremos do mundo, em que sociedade pretendemos viver, e qual a nossa contribuição nessa construção em permanente movimento. (Marques; Brazil, pág. 106. 2014.)

Concordando com os autores, compreendo que o planejamento foi fundamental para a concretização desse projeto.

3 A CURADORIA, O TEMA E O “HOLOFOTE”

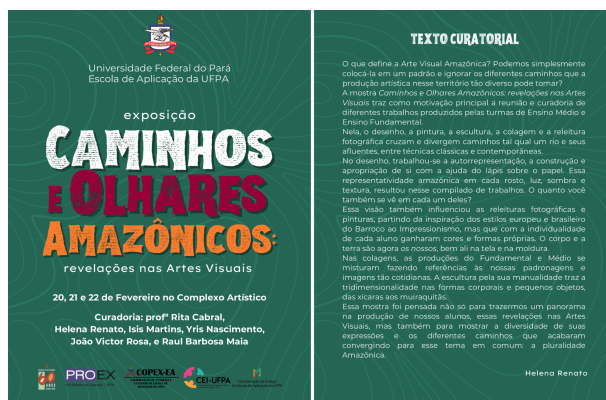
Tendo o contexto do campo de estágio já desenvolvido, partirei para a questão da curadoria. Havia diferentes tipos de produções artísticas do Ensino Médio e do Ensino Fundamental I e II, de técnicas e suportes variados necessitando serem organizadas, como colagens, desenhos, pinturas, esculturas, e objetos, reunidas desde a metade do ano de 2024, sendo o primeiro desafio por um “filtro” em tudo aquilo através dos quesitos da expressão, do uso da técnica, da criatividade, da composição e demais pontos avaliativos pertinentes junto da temática central que decidimos em conjunto com a professora responsável: a pluralidade Amazônica. Assim, chegou-se ao título “Caminhos e Olhares Amazônicos: revelações nas Artes Visuais”, com sua identidade visual sendo elaborada em conjunto (Figura 1).

Figura 1 – A principal identidade visual e o texto curatorial



XXXIV
CONFABEB
2025

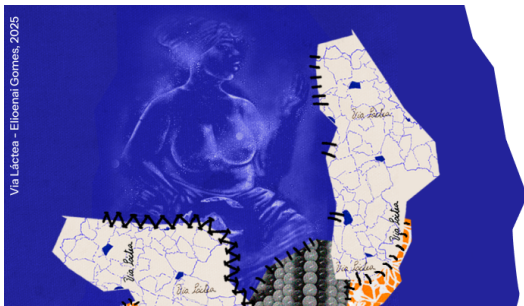
Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores



Fonte: A autora.

Já definido as obras que integrariam a exposição, seu título e a identidade visual dos cartazes e demais itens de divulgação, precisávamos pensar no texto curatorial, etapa que ficaria sob minha responsabilidade. Observando atentamente novamente cada seção de obras os estudantes e o futuro planejamento da montagem, elaborei o seguinte trecho que ficou à mostra ao lado da flâmula da identidade visual principal na entrada do Complexo:

O que define a Arte Visual Amazônica? Podemos simplesmente colocá-la em um padrão e ignorar os diferentes caminhos que a produção artística nesse território tão diverso pode tomar? A mostra Caminhos e Olhares Amazônicos: revelações nas Artes Visuais traz como motivação principal a reunião e curadoria de diferentes trabalhos produzidos pelas turmas de Ensino Médio e Ensino Fundamental. Nela, o desenho, a pintura, a escultura, a colagem e a releitura fotográfica cruzam e divergem caminhos tal qual um rio e seus afluentes, entre técnicas clássicas e contemporâneas. No desenho, trabalhou-se a autorrepresentação, a construção e apropriação de si com a ajuda do lápis sobre o papel. Essa representatividade amazônica em cada rosto, luz, sombra e textura, resultou nesse compilado de trabalhos. O quanto você também se vê em cada um deles? Essa visão também influenciou as releituras fotográficas e pinturas, partindo da inspiração dos estilos europeu e brasileiro do Barroco ao Impressionismo, mas que com a individualidade de cada aluno ganharam cores e formas próprias. O corpo e a terra são agora os nossos, bem ali na tela e na moldura. Nas colagens, as produções do Fundamental e Médio se misturam fazendo referências às nossas padronagens e imagens tão cotidianas. A escultura pela sua manualidade traz a tridimensionalidade nas formas corporais e pequenos objetos, das xícaras aos muiraquitãs. Essa mostra foi pensada não só para trazermos um panorama na produção de nossos alunos, essas revelações nas Artes Visuais, mas também para mostrar a diversidade de suas expressões e os diferentes caminhos que acabaram convergindo para esse tema em comum: a pluralidade Amazônica (Dalfre, 2025)

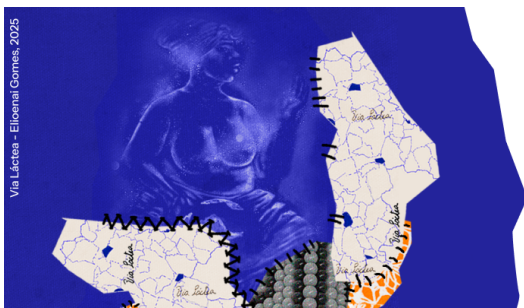


Elaborado com cuidado, o texto curatorial para “Caminhos e Olhares Amazônicos” — assim como todo texto curatorial — é o primeiro contato do visitante com a exposição, um diálogo direto com o curador e os temas, os artistas e técnicas das obras/do conjunto de obras apresentados e reunidos. Escrevê-lo foi uma das etapas mais desafiadoras, admito, por ter de pensar em condensar tudo de uma exposição tão diversa e deixá-lo claro para os estudantes, os responsáveis daqueles estudantes, outros professores, outros colegas estagiários, enfim, todos os visitantes que teriam aquele texto como principal agente mediador no espaço museológico que se tornaria o Complexo Artístico durante o evento do XV Fórum de Pesquisa e Extensão da Escola de Aplicação da UFPa. Enquanto produzia o texto, meus colegas cuidavam da questão do catálogo virtual, acessível via QR Code, e os pontos de inclusão da exposição, como QR Codes com audiodescrição e placas táteis em alto relevo para melhor compreensão das obras pelos visitantes com deficiências. Envolvidos com as demandas dos estudantes e suas obras diariamente, a Exposição desde o início de seu desenvolvimento mostrou a vontade de trazer o estudante para o centro, para o “holofote”, junto do tema proposto e suas diferentes interpretações. Tal motivação se conecta diretamente ao excerto de Miriam Celeste Martins em seu texto sobre mediação entre arte e público:

Na vida docente, são os estudantes que nos provocam a criar situações de aprendizagens que convocam a todos nós para viver experiências significativas. Proposições mediadoras criadas como resposta às necessidades, desejos e faltas percebidos em nossos estudantes na relação com o que se pretende ensinar tendo em vista conteúdos programáticos ou indo além deles. Proposições mediadoras provocadoras de experiências estéticas e artísticas (Martins, 2024)

No que diz respeito ao processo curatorial foi possível desenvolver ações que corroboraram com outras narrativas da História da Arte. Nesse sentido, Arantes (2014), é contundente ao afirmar que:

[...] talvez seja essa a tarefa do curador: criar estratégias e mecanismos que possibilitem a narrativa de outras histórias para além das ditas oficiais, possibilitando, assim, a incorporação de novas vozes à história da arte. (Arantes, 2014)



4 MONTAGENS E PERCURSOS

Pensar o espaço concreto e tridimensional da exposição, saindo dos rascunhos no papel foi desafiador como etapa final para a concepção de “Caminhos e Olhares Amazônicos”. Da iluminação eficaz ao medo de deixar espaços “vazio demais” e outros “cheios de mais” provocou a todos os envolvidos até de fato a inauguração acontecer. Porém, não nos deixamos abater pelo nervosismo e em conjunto elaboramos a montagem pois “a maneira de mostrar uma seleção de obras de arte reflete diretamente na curadoria de qualquer exposição, pois é por meio da montagem, além, naturalmente das obras selecionadas, que o curador vai expor suas ideias” (Cintrão, 2010).

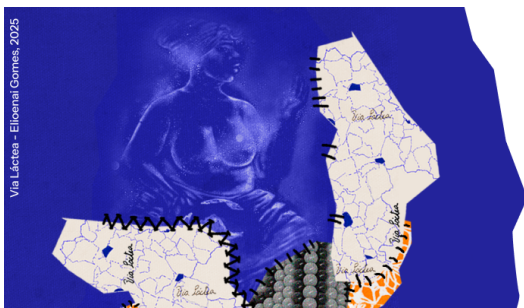
Por meio do caminho em meia-lua que descrevi no tópico sobre o espaço, o visitante passaria pela entrada do Complexo Artístico da escola e entraria em contato com a identidade visual da exposição, com o texto curatorial e subiria por uma pequena escada no palco do teatro, entrando em contato com quatro tipos de produções artísticas: desenhos, colagens, fotografias e pinturas sobre papel (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Detalhe da montagem: releituras fotográficas e colagens



Fonte: A autora

Como resultado de produções artísticas anteriores, os desenhos expostos na exposição são autorretratos dos estudantes, feitos com técnicas de luz, sombra e textura, simulando a estilística do Barroco Europeu. Na montagem, livremente entre os desenhos, colocou-se pequenos espelhos onde o visitante também veria o seu



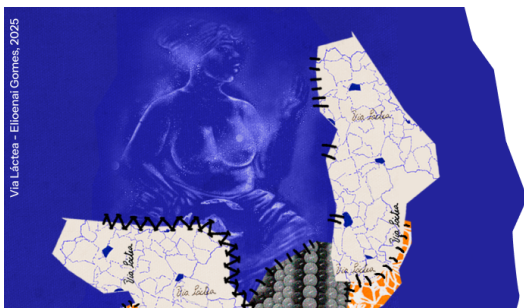
“eu” enquanto observava os outros “eus” representados, criando um espaço lúdico para o visitante. Escondendo o espaço destinado a coxia do teatro, as colagens foram posicionadas em um suporte de palha trançado na passagem do fundo, simulando assim o estilo das exposições dos séculos XIX e XX onde eram muitas obras em uma única parede. Na parede oposta à dos autorretratos, havia aquarelas com motivos regionais, com os quais os discentes utilizaram-se da potencialidade da aquarela para criarem composições com manchas, luzes e degradês entre as cores. Por fim, o espaço do palco era cruzado por um fio de nylon onde estavam suspensas as releituras fotográficas e as obras originais Barrocas que serviram de inspiração. Estavam coladas na frente e verso de um suporte rígido no qual o visitante poderia manipular entendendo as referências, comparações e mudanças entre as obras de arte e as produções artísticas dos estudantes com a temática centrada no Movimento Barroco.

Figura 3 – Detalhe da montagem: a parede dos autorretratos



Fonte: A autora

Descendo do palco pela outra escada, o visitante estaria no pátio onde encontraria cinco tipos de produções artísticas: desenhos, pinturas sobre papel, padronagens, pinturas em tela e esculturas tridimensionais em cerâmica (Figura 4). Primeiro, um gradeado simulando uma parede isolava o palco permitindo acesso a ele apenas pelas escadas laterais. Neste gradeado, havia pinturas abstratas sobre papel e desenhos de grafismos marajoaras, cerâmicas regionais e animais estilizados que se destacaram em sua unidade temática como produções artísticas dos estudantes do Ensino Fundamental II. No centro do pátio, em uma comprida



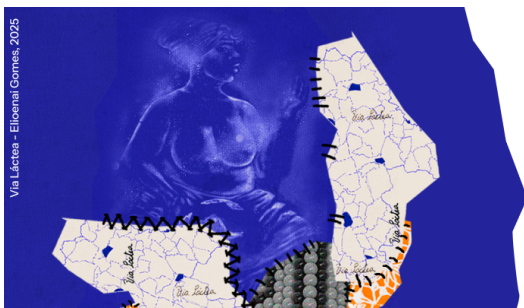
mesa estariam as peças tridimensionais, figurativas e utilitárias, respectivamente, representando bustos e cabeças, além de xícaras, canecas e pingentes com incisões fazendo referência aos grafismos marajoaras. Encerrando a volta no pátio, na parede oposta ao palco, haviam padronagens marajoara feitas com diversos materiais táteis pelos estudantes do Ensino Fundamental I, reunidos em um único suporte de tecido sobre um módulo preto. Por questões estruturais, um pesado armário do Complexo Artístico da escola não pode ser movido do lugar, então cobri-lo com um pano preto e usá-lo como suporte para algumas das obras foi o melhor jeito que encontramos para não destoar o visitante do percurso da exposição. Após o módulo, pinturas em papel e tela feitas pelos estudantes do Ensino Médio conversam entre si por trazerem referência a estilística Impressionista, mas a adaptando para as cores e texturas amazônicas.

Figura 4 –Detalhe da montagem: tridimensionalidades, padronagens e pinturas



Fonte: A autora

Por fim, retomando para sair pelo mesmo local da entrada, o visitante veria uma mesa com biojoias expostas, criadas pelos estudantes do Ensino Fundamental I, cujos materiais variavam de sementes de frutos a caroços de açaí secos e tingidos. Então, para finalizar, após a mesa, haveria uma outra com o caderno de registro de visitas à Exposição “Caminhos e Olhares Amazônicos”, objeto típico em galerias de Arte. Destaco que, posicionado em pontos estratégicos do percurso havia os pontos de inclusão e as indicações para o acesso ao catálogo virtual.



5 ABERTURA DA EXPOSIÇÃO E REPERCUSSÃO DENTRO E FORA DA ESCOLA

O XV Fórum de Pesquisa e Extensão da Escola de Aplicação da UFPA aconteceu no período de 20 a 22 de fevereiro, com a exposição se prolongando até o dia 24. Apesar do curto período de visitação, apenas quatro dias, todo o espaço montado dentro da própria escola mostrou-se um sucesso, integrando oficialmente ao evento científico como parte da sessão “Feira de Aprendizagens” no eixo Comunicação, Arte e Cultura, ocorrendo em paralelo as comunicações orais e oficinas. Como público estimado, tivemos cerca de 500 visitantes na Exposição. Por meio do Complexo Artístico que se transformou em uma “galeria-escola”, as turmas da EAUFGPA (Figura 5) tiveram acesso a uma experiência muito similar a ocorrida nos museus e espaços expositivos, garantindo uma maior familiaridade com temas e espaços dedicados às Artes Visuais, Museologia e Patrimônio tendo como protagonistas as suas próprias produções artísticas.

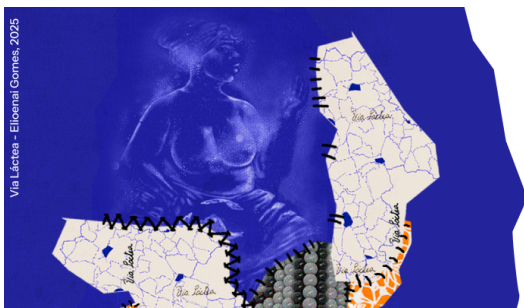
Figura 5 – Os estudantes visitando a exposição



Fonte: A autora

Ver a culminância da transformação do Complexo Artístico da escola em um espaço museológico, expandindo seu uso para além das salas de aula, lembrou-me do excerto do professor Robert Willam Ott:

O ensino de arte em museus constitui um componente essencial para a arte-educação: a descoberta de que arte é conhecimento. A arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e



das expressões de uma cultura [...] O mundo orientado visualmente torna-se um elemento ativo na sala de aula por meio da percepção, da análise, da imaginação e da expressão, da produção ou do fazer arte na classe. [...] O ensino de arte necessita de um processo sistemático de aprender a ver, observar, pensar criticamente ou investigar a respeito de arte em museus. (Ott, 2002, p. 113)

Infelizmente, por questão de disponibilidade e orçamento não pudemos contar com um mediador fixo na exposição, daí a necessidade da montagem e do texto curatorial suprirem essa função mediadora. Porém, apesar de todos os entraves, como eram já esperados, a Exposição “Caminhos e Olhares Amazônicos: revelações nas Artes Visuais” mostrou em sua abertura e repercussão resultados positivos e a conclusão satisfatória de nosso planejamento.

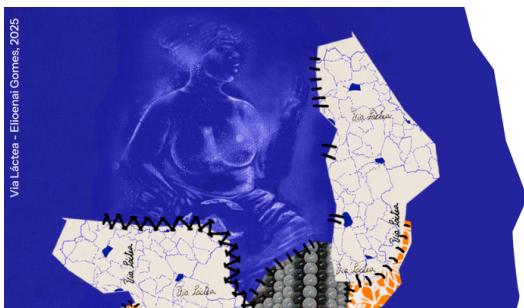
6 CONCLUSÃO

O Estágio centrado em Espaços Culturais foi sem sombra de dúvida a experiência que mais me pôs em contato com uma educação fora da formalidade da sala de aula e em contato novamente com os conceitos que aprendi na minha Iniciação Científica, focada em atuar no acervo artístico e museológico do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. O Estágio no Ensino de Artes Visuais: Espaços Culturais me fez compreender que

O museu é uma invenção cultural, se compreendemos como Gertz (1989), que cultura é uma construção simbólica, uma teia de significados que a humanidade vai tecendo ao mesmo tempo em que a analisa. Portanto, foi criado para representar a sociedade no tocante à sua memória, tornando-se lugar de produção de conhecimento, vinculando-o inevitavelmente ao campo da educação. Neste sentido, o museu é lugar de representação e conhecimento. (Lima, 2023; Moura, p. 2023).

Foram experiências interessantes e desafiadoras, e concluí tudo da melhor maneira possível, construindo mais um pouco do meu caminho em direção a ser uma profissional competente e dedicada no ensino das Artes Visuais, um caminho que se constrói aos poucos mas nunca está acabado de fato.

REFERÊNCIAS



ARANTES, Priscila; CAMELLA, Elaine; RÉGIS, Sonia (Orgs.). **Arte: história, crítica e curadoria**. São Paulo: EDUC, 2014.

CINTRÃO, Rejane In: RAMOS, Alexandre Dias (Org.). **Sobre o ofício do curador**. Porto Alegre, RS, Zouk, 2010.

LIMA, Janice Shirley Souza; MOURA, Simone de Oliveira. **PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO MUSEAL ANTE A NOVA DEFINIÇÃO DE MUSEU** In: BRITTO, Rosângela; MELO, Diogo; GOMES, Luzia; POLARO, João. Outras narrativas sobre museus: contribuição da Amazônia paraense para os debates sobre a nova definição de museu do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFGA, 2023. E-book (170 p.). Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1229>. Acesso em: 25 de Março de 2025.

MARTINS, Mirian Celeste. **Proposições mediadoras: intervenções e intravenções disruptivas?** In: MediAÇÃO Cultural: proposições, pesquisas e experiências estéticas com arte na contemporaneidade / Miriam Celeste Martins (Org.). - São Paulo, SP : Editora Liber Ars, 2024.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. **Arte em Questões**. São Paulo: Cortez, 2014.

NUNES, Brisa Caroline Gonçalves. **O ESTÁGIO EM ESPAÇOS CULTURAIS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM ARTES VISUAIS: PERFIS DE EXPERIÊNCIAS** In: Ações políticas de/para enfrentamentos, resistências e recriações [recurso eletrônico] : anais [do] XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil [e] VI Congresso Internacional dos Arte/Educadores / comissão organizadora: Leda Guimarães, Luzirene Rego. – Brasília, DF : Federação de Arte/Educadores do Brasil, 2018.

OTT, Robert William. **Ensinando crítica nos museus** In: Arte-educação: leitura no subsolo / Ana Mae Tavares Barbosa (org.) - 4.ed. - São Paulo : Cortez, 2002.